

Processos educativos em dinâmicas coloniais e pós-coloniais em Cabo Verde: novas abordagens, questões e procedimentos metodológicos

Educational processes in colonial and postcolonial dynamics in Cape Verde: new approaches, methodological questions and procedures

Elias Alfama Vaz Moniz

Doutor em História

Universidade Católica de São Paulo

eliasalfamamoniz@yahoo.com.br

Recebido em: 10/07/2019

Aprovado em: 03/09/2019

Resumo: Neste estudo desenvolvo reflexões no domínio da história da educação colonial e pós-colonial em Cabo Verde, enfatizando as perspectivas históricas e dinâmicas contemporâneas de processos educativos em Cabo Verde. Trata-se de uma reflexão sobre uma das problemáticas mais relevantes para a compreensão de processos educativos em Cabo Verde no quadro das suas transformações políticas, sociais e culturais no período pós-colonial. Nesta base, a metodologia histórica que aqui se delinea não pretende recuperar um passado condensado e de via única, mas sim arregimentar, no âmbito das reflexões sobre esta matéria em Cabo Verde, os subsídios das várias leituras de processos educativos, as temáticas e as problemáticas que estes diferentes olhares – com base em tradições historiográficas e epistemologias de conhecimento díspares – engendraram, e neles encontrar os fios de uma história cruzada da cultura escolar no espaço insular cabo-verdiano.

Palavras-chave: Educação; colonial; pós-colonial.

Abstract: In this study I develop reflections on the history of colonial and postcolonial education in Cape Verde, emphasizing the historical perspectives and contemporary dynamics of educational processes in Cape Verde. It is a reflection on one of the most relevant problems for the understanding of the educational processes in Cape Verde within the framework of its political, social and cultural transformations in the postcolonial period. On this basis, the historical methodology outlined here does not seek to recover a condensed and single track past, but rather to bring together, in the context of the reflections on this subject in Cape Verde, the subsidies of the various readings of the educational processes, thematic and problematic that these different looks – based on historiographical traditions and epistemologies of disparate knowledge – engendered, and in them to find the threads of a crossed history of school culture in the insular space of Cape Verde.

Keywords: Education; colonial; postcolonial.

Introdução

Este artigo insere-se numa pesquisa mais alargada sobre a história da educação colonial e pós-colonial em Cabo Verde, enfatizando as perspectivas históricas e dinâmicas contemporâneas de processos educativos em Cabo Verde. Enfatizo uma análise sócio-histórica sobre uma das problemáticas mais pertinentes para a clarificação de questões educativas no âmbito das metamorfoses políticas, sociais e culturais que se operaram em Cabo Verde no período pós-colonial.

Neste sentido, a metodologia histórica que delinieei não pretende recuperar um passado condensado e de via única, focado na diacronia dos sistemas educativos e na dialética das ideias pedagógicas no contexto pós-colonial, nem aspira engendrar uma história da educação na viragem dos tempos, colonial para o pós-colonial.

Em análise está a possibilidade de arregimentar, no âmbito das reflexões sobre esta matéria em Cabo Verde, os subsídios das várias leituras de processos educativos, as temáticas e as problemáticas que estes diferentes olhares, com base em tradições historiográficas e epistemologias de conhecimento díspares, engendraram, e neles encontrar os fios de uma história cruzada da cultura escolar no espaço insular cabo-verdiano. “A cultura escolar não pode ser estudada sem analisar as relações, de conflito ou pacíficas, que ela mantém, em cada período da sua história, com o conjunto das culturas que lhe são coetâneas: cultura religiosa, cultura política ou cultura popular”. (JULIA, 1995, p. 354).

O foco na cultura escolar possibilita entrecruzamentos de inúmeras experiências, perfiladas com os distintos rumos das arenas coloniais e dos seus sistemas educativos, e com experiências de alfabetização, de escolarização e de ensino particulares. Arquitetar a história da cultura escolar colonial obriga, portanto, pesquisar ações articuladas com intentos – religiosos, sociopolíticos, ou apenas de socialização – matizáveis de acordo com as eras e as esferas jurisdicionais.

No tangente aos limites temporais, vislumbro uma fração de tempo que se estende por um período de quase século e meio de mutações concatenadas aos procedimentos de difusão de conhecimentos, às instituições e às práticas escolares, e cuja dimensão faz antever um trabalho de exposição e verificação de processos históricos tangíveis, coligidos em quatro etapas marcantes na conformação do sistema educativo cabo-verdiano: 1) A história da educação durante o período de instalação do sistema colonial (século XIX – inícios do século XX); 2) O Colonialismo moderno e a construção da escola de massas no império colonial (século XX); 3) A Educação e o ensino no

período pós-colonial (meados dos anos 70 aos anos 90) e; 4) Os meandros do ensino superior em Cabo Verde (meados dos anos 90 aos inícios do século XXI).

Contextualização

O debate em torno de questões e procedimentos metodológicos de trabalho histórico concernente à abordagem de questões educativas em situações de colonização tem merecido especial atenção de estudiosos de vários domínios do conhecimento que têm se reunido em fóruns de diversa natureza, nomeadamente, seminários, colóquios, congressos, etc., na sequência das quais publicações de enorme relevância para o entendimento destas temáticas têm surgido.

No contexto da Comunidade dos Países de Língua Oficial Portuguesa (CPLP), Brasil e Portugal têm se destacado, promovendo e estimulando a realização de eventos como os atrás elencados ou incentivando a criação de centros virados para tais estudos. Os resultados destes incentivos têm aparecido em publicações que estão a contribuir para o desenvolvimento do campo da história da educação recobrando o período colonial e pós-colonial.

Em 1995, foi publicado *The Colonial Experience in Education: Historical Issues and Perspectives* que reuniu textos de pesquisadores de várias áreas, fazendo um ponto de situação sobre a literatura neste domínio e uma pauta de trabalho contingente, assim como estudos de caso no campo da educação colonial em África. Um ano depois, foi publicado o volume em português e castelhano, que buscava fazer uma conformação aos desdobramentos de pesquisas no domínio da história da educação no mundo ibero-americano, de modo a reforçar laços de cooperação académica e científica entre as comunidades de investigadores participantes no Congresso da ISCHE. Assim, os anos 1990 indiciavam caminhar no sentido de uma reformulação teórica da temática educacional, demarcando-se daquela ótica educacional virada para as questões economicistas ou nas narrativas das estruturas antropológicas, a cujas dinâmicas a cultura escolar se encadearia.

Sucederam-se um conjunto de eventos que clarificaram esta tendência, entre os quais a realização de congressos, colóquios e conferências em que as Ciências da Educação ganhavam grande centralidade nos debates da história, da cultura e da própria contemporaneidade educativa no universo da lusofonia.

É de realçar, *verbi gratia*, a realização dos colóquios “Construção e Ensino da História de África” (1994), “O Espaço Lusófono Africano: Perspectivas Históricas e Realidades Actuais” (1995), “África de língua portuguesa: presente e futuro” (1996) e a “III Reunião Internacional de História de África” (1999). No entanto, no tangente a resultados concretos, a questão educativa

não saiu do campo dos estudos voltados para a questão dos estados nacionais, quer no tocante a critérios historiográficos, quer temáticos, ligados, na maioria dos casos, às questões da globalização econômica ou a enredos de desenvolvimentos e de cooperação internacional no domínio de educação.

Constituem exceções, neste âmbito, alguns, poucos, estudos realizados por Monteiro (1987), Paulo (1992), que alargaram um pouco mais o espectro da produção científica no campo da educação. No mais, a perspectiva histórica manteve-se no limbo das narrativas sobre a história do colonialismo português. De realçar, na contramão destas tendências, a publicação da *História da expansão portuguesa* (BETHENCOURT e CHAUDHURI, 1998), que incorporou no campo da história dos descobrimentos portugueses a temática da educação colonial (PAULO, 1999, p. 304-333), pondo em evidência, para os investigadores que laboravam em outras áreas do conhecimento, a relevância das Ciências da Educação para o estudo do colonialismo, numa demonstração clara que o entendimento da cultura colonial demandava um encadeamento interdisciplinar mais denso.

O final dos anos noventa reforçou a tendência da viragem na investigação histórica e comparada com a África, acentuando uma mudança de rumo, com a perspectiva comparada a despertar cada vez maior interesse no domínio da história da educação (NÓVOA e POPKEWITZ, 1992; NÓVOA e SCHRIEWER, 2000; SCHRIEWER e NÓVOA, 2001), e em torno desta nova perspectiva há um cada vez maior número de investigadores com projetos em comuns, em Portugal e no Brasil (CASTELO, 1998; MARRONI, 2008).

Em relação à África lusófona, e Cabo Verde em particular, a urdidura de redes de trabalho histórico-comparado não tem sido prática bem sucedida, não obstante os relevantes aportes advenientes de trabalhos realizados por investigadores africanos e portugueses no domínio da história da educação colonial evidenciados em dissertações de mestrado e teses de doutoramento, em instituições de ensino superior portuguesas e brasileiras (LOPES, 1995; RODRIGUES, 2007).

A Educação Comparada, na atualidade, no âmbito de processos globalizatórios no domínio educativo, e pela amplitude das suas repercussões em sociedades com modelos pedagógicos e culturas de escola muito diferenciadas, está a ganhar cada vez maior ressonância nas abordagens históricas. As narrativas que emergem destes diálogos indiciam o surgimento de novas arenas de relação, a criação de novas bases identitárias, retomando sentidos e ressignificando-os em conformidade com os novos aparatos de alinhamento supranacional.

Os prenúncios destas transformações estão explícitos no programa Ciência Global, envolvendo os países da CPLP, no âmbito da formação do Centro UNESCO para a Formação Avançada de Cientistas de Países de Língua Portuguesa, orientado: “para o desenvolvimento dos países e não apenas dos investigadores individuais, numa perspectiva estruturante com o envolvimento institucional dos vários países”, e do ponto de vista de “participação em redes e projectos internacionais inovadores à escala internacional”. (CPLP, 2009, 1)

Em Cabo Verde, estas transformações encontraram alguma ressonância em impulsos que já vinham desde os anos noventa com a implementação da lei de bases nº 103/III/90, que deliberou sobre as diretrizes do sistema educativo cabo-verdiano. Todavia, o debate continuava demasiado centrado em segmentos básico e secundário do ensino e, em relação ao superior, não saía da inocuidade, sem adentrar no âmago da questão. Não há registos de estudos desenvolvidos por investigadores debruçando sobre o ensino superior nesse período, noventa/inícios dos anos 2000. Há efetivamente uma profusão de estudos realizados sobre os segmentos inferiores, que já resultaram em monografias, dissertações, teses académicas e livros.

Relativamente ao ensino superior em Cabo Verde, encontra-se fundamentalmente diretivas governamentais, relatórios oficiais e outros documentos publicados por instâncias oficiais, que não se aprofundam em análises críticas ao sistema. Não obstante a prevalência de análises superficiais sobre a questão, acredito ser possível mudar a tendência dos debates sobre o ensino superior em Cabo Verde e enriquecê-los, descentralizando as arenas de debates sobre esta temática, deslocando-os da esfera política para a académica. É este desafio que se coloca àqueles que laboram no meio académico, e que quero abraçar, colaborando para a mudança do centro de análises do ensino superior em Cabo Verde da esfera política para a académica, amparado em outras perspectivas metodológicas, como a dos estudos pós-coloniais, produzindo novas abordagens.

Breve análise da documentação

Trazer os debates sobre o ensino superior em Cabo Verde para a arena académica obrigaria, desde logo, a mudanças no campo epistemológico, cujas ações concorrem para a concepção de um conhecimento histórico crítico, que abarque a utilização de metodologias comparadas (NÓVOA, 1995b) e abordagens relacionais – história cruzada, estudos de transferência e abordagens baseadas na *shared* ou *connected history* (STEINER-KHAMSI, 2000; WERNER e ZIMMERMANN, 2003); implicaria numa maior atenção às metodologias baseadas na análise do discurso; o recurso a quadros metodológicos escudados nas teorias da recepção e nos mecanismos de tradução

associados à incorporação de culturas, ideologias e concepções de ensino-aprendizagem (ROSE, 1999); conexões metodológicas, quantitativa e qualitativa, abarcando a análise e interpretação de dados nacionais e internacionais.

No referente à articulação de metodologias, quantitativa e qualitativa, impõe-se fazer referência à questão das fontes, clarificando o conceito que me parece mais adequado para um debate mais enriquecedor. Compartilho a ideia de que fontes são:

todos os vestígios do passado que os homens e o tempo conservaram sejam eles originais ou reconstituídos, minerais, escritos, sonoros, fotográficos, audiovisuais, ou até mesmo virtuais (desde que tenham sido gravados numa memória) e que o historiador, de maneira consciente, deliberada e justificável, decide em erigir elementos comprobatórios da informação a fim de reconstituir uma sequência particular do passado, de analisá-la ou de restituí-la aos seus contemporâneos sob a forma de uma narrativa, em suma, de uma escrita dotada de uma coerência interna e refutável, portanto de uma inteligibilidade científica. (ROUSSO, 1996, p. 86)

Nesta perspectiva, os documentos, evidências encontradas nos arquivos e acervos públicos ou privados, só ganham algum sentido face aos problemas de investigação formulados pelo pesquisador. O manancial de recursos passíveis de serem utilizados pela história da educação colonial e pós-colonial nem sempre é de fácil acesso, pelo que se justifica identificar universos documentais arregimentados (documentos de instituições escolares, públicas e privadas; cadernos e manuais escolares; relatórios da administração e da inspeção escolar, atas de reuniões pedagógicas, acervos e coleções particulares; registros oficiais).

Paralelamente a este universo documental, referências outras, como relatos de viagens, cartas, telegramas, mensagens, ofícios epistolares, as memórias e o ensaio literário têm sido relevantes facilitadoras na recomposição das concepções sociais. Também é importante considerar os testemunhos orais como fonte, bem como as imagens e a materialidade dos objetos usados no cotidiano escolar, não descurando a própria arquitetura escolar, os edifícios e o espaço físico envolvente. Estas fontes, em digressões passado/presente, podem por em evidência dimensões da cultura escolar no espaço insular cabo-verdiano.

Metodologia de pesquisa

A minha proposta de trabalho vincula-se ao campo da história da educação colonial, num diálogo com os desafios que a pós-colonialidade coloca a países que se libertaram de armadilhas colonizantes, e alinha-se com a história do tempo presente, numa tenaz afinidade, no tangente aos seus atuais desdobramentos, particularmente no que toca ao reconhecimento de uma história das representações, do imaginário social e das relações entre a história e a memória (LE GOFF, 2000; CHARTIER, 2011; FOUCAULT, 1998; CERTEAU, 2010; KOSELLECK, 2006).

A base teórica que agrega estes desdobramentos gnosiológicos incorpora, de forma genérica, os subsídios da “Nova História”, os pressupostos da história cultural (CHARTIER, 2002; BURKE, 2006) e os incrementos que as teorias pós-coloniais permitiram introduzir na análise do colonialismo e das transformações decorrentes das independências africanas (BHABHA, 2003; MIGNOLO, 2003; PRATT, 1992; SAID, 1995, 2007; GILROY, 2001).

No domínio da “Nova História”, os avanços alcançados nos finais do século passado foram precipitados pela incorporação do conceito de “discurso” às ferramentas de análise de intelectuais como Roger Chartier, Paul Veyne, Carlo Ginzburg, Michel de Certeau ou Pierre Bourdieu. O conceito de “discurso” ocasionou uma pequena revolução na compreensão de documento, deslocando o centro de análise dos contextos para os textos. Estes convertem-se assim em aglomerados de artefatos explicativos e apetrechos que respaldam a pompa convencional da exposição.

Nesta perspectiva, uma fonte documental mobilizada – seja de que natureza for –, para qualquer protótipo de história, em tempo algum logrará estabelecer uma relação direta e vaporosa com as práticas que anuncia. A encenação das práticas engloba lógicas, sinais, intentos e interlocutores específicos. E discerni-los possibilita compreensões relativas a situações ou práticas que são objeto de representação (CHARTIER, 2011, p. 16). O “arquivo” emerge então como um tipo vasto de ação dos discursos, uma ação que acarreta pormenorizar os seus preceitos, as suas condições, o seu funcionamento e os seus efeitos. A ideia de “arqueologia” fixa um pacto metodológico com os documentos: ela ambiciona o detalhamento dos discursos como práticas especificadas no elemento “arquivo” (FOUCAULT, 1969, p. 173). O método arqueológico desencadeou importantes conformações no domínio da história da educação na esfera das temáticas, dos objetos e das fontes da investigação.

No âmbito dos estudos coloniais, as temáticas relativas ao poder, ao estudo das representações, e à análise do discurso, congregam-se aos desenvolvimentos que afloram da crítica literária (*linguistic turn*) e dos estudos culturais (*cultural studies*). Estes posicionamentos críticos, inspirados no pós-estruturalismo, nutriram, por sua vez, um corpo de perspectivas denominado estudos pós-coloniais (*post-colonial studies*). É neste contexto teórico que Said publica a obra *Orientalismo*, texto reputado como alicerce do campo de estudos para análises do discurso colonial, um projeto continuado na obra *Culture and Imperialism* (1993).

Este trabalho serviu de âncora para inúmeros autores que se destacaram em decorrência do trabalho desenvolvido no seio do *Subaltern Studies Group*: Bhabha, Gayatri Spivack, Chandra Mohanty são alguns exemplos. Refutando as antinomias maniqueístas, as teorias pós-coloniais defendem que o contexto colonial deve ser olhado como um espaço de “translação” (BHABHA, 2003), um lugar híbrido que não é nem de *um* nem do *outro*, um “terceiro espaço” de identidade, descontínuo e ambivalente, que cria um novo sujeito político: o sujeito colonizado. Os impulsos que as interpelações baseadas no pensamento de Foucault tiveram na história da educação colonial influenciaram autores de campos epistemológicos de maior amplitude.

Estudiosos como Isin (1992), Miller e Rose (1992) buscaram nas teorias da tradução, escudadas na sociologia da ciência, argumentações arrojadas para o entendimento das conexões metropolitanas-coloniais (CALLON e LATOUR, 1981; CALLON, 1986). Para estes estudiosos, esta conexão é exercitada através de engrenagens de tradução que – ao fixarem encadeamentos entre órgãos muito diferentes (instituições, autoridades sanitárias e educativas, normas, valores e ambições, indivíduos e grupos) – possibilitam o exercício de um governo dos cidadãos “à distância” por intermédio de mediadores-especialistas: médicos, professores, inspectores, governadores locais (ROSE, 1999).

Esta acomodação da definição de tradução é crucial para apreender as discrepâncias, muito usadas pela historiografia colonial pós-moderna, nas narrativas elaboradas nas metrópoles e as práticas discursivas no contexto colonial. O trabalho de Young (1990), *White Mythologies: Writing History and the West*, com enfoque no questionamento crítico sobre os pressupostos em que se baseiam as categorias do conhecimento e da historiografia ocidental, é outra referência das novas orientações historiográficas. Este autor entende que a análise do colonialismo permite arredar do debate a relação teoria-história, deslocando-o para um questionamento sobre a implicação da história e das teorias na própria dinâmica do colonialismo europeu.

A dimensão mais relevante destes contributos foi o de por em evidência questões normalmente negligenciadas pela historiografia tradicional, de ordem cultural e social, nomeadamente ligadas ao gênero, à construção das identidades e à complexidade dos fenômenos de subjetivação. Questões relativas à cultura escolar têm sido enfocadas por autores que vêm laborando com temáticas referentes ao encontro colonial em perspectiva histórica (COLONNA, 1975; THOMAS, 1994; WILLIAMS e CHRISMAN, 1994; GRUZINSKI, 2003). Estes exercícios evidenciam a conformação da narrativa científica à volta das questões da cultura colonial, mais atraída por uma reescrita da história do encontro colonizador-colonizado, focada numa abordagem mais densa dos contextos e das experiências de colonização, interessada em fixar as singularidades desse encontro a partir das vozes emudecidas pela historiografia eurocentrada.

A abrangência desta base teórica abarca um universo de questões de ordem epistêmica. Faz antever, por um lado, que o ofício do historiador, encarnando a sua subjetividade, o leve a assumir a dupla posição de observador e protagonista da situação pesquisada. Por outro lado, uma história do tempo presente corporifica o labor com a memória como fonte viva, mas não mistura história e memória, representação do passado e reconhecimento do passado, de modo que aquela sujeita a última a procedimentos críticos específicos do enunciado do saber. Em última instância, a escrita da narrativa histórica como uma operação de construção controlada pelo próprio sujeito, isto é, a história entendida como uma reescrita (KOSELLECK, 2006), obriga a um desvelo especial aos procedimentos e estratégias que podem viabilizar entendimentos críticos adensados.

Nota Final

A delimitação teórica desenhada faculta a realização de pesquisas sócio-históricas fracionadas, que possibilitam romper com uma história de tipo global, que procura concentrar todos os eventos num só núcleo (princípio, significação, espírito, visão de mundo, forma de conjunto de uma determinada civilização) ou nos fundamentos, tangíveis ou psíquicos, de uma sociedade; possibilita, ainda, uma compreensão mais densa dos procedimentos de criação-acomodação de saberes escolares, no domínio das articulações Norte/Sul, no período pós-colonial; possibilita, outrossim, a produção de saberes com base na análise das ferramentas de disseminação de arquétipos padronizados dos arranjos educativos em dimensão planetária, que alavancam a globalização e o ajustamento supranacional das estruturas educativas (MEYER e RAMÍREZ, 2003).

Referências bibliográficas:

- BETHENCOURT, Francisco; CHAUDHURI, Kirti (dir.). **História da expansão portuguesa**. Lisboa: Círculo de Leitores, 1999. v. 5.
- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.
- BURKE, Peter. **A escrita da história**. São Paulo: UNESP, 1992.
- CASTELO, Cláudia. **O modo português de estar no mundo. O luso-tropicalismo e a ideologia colonial portuguesa (1933-1961)**. Porto: Edições Afrontamento, 1998.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. 5 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- CHARTIER, Roger. Defesa e ilustração da noção de representação. **Fronteiras: Revista de História**, São Paulo, v. 13, n. 24, jul./dez., p. 15-29, 2011.
- FOUCAULT, Michel. **Dits et Écrits, 1954-1975**. Paris: Quarto, Gallimard, 2001.
- GILROY, Paul. **O atlântico negro**. São Paulo/Rio de Janeiro: Editora 34, Centro de Estudos Afro-asiáticos da Fundação Cândido Mendes, 2001.
- JULIA, Dominique. La culture scolaire comme objet historique. In: NÓVOA, António et. al (eds.). **The Colonial Experience in Education: Historical Issues and Perspectives**. Gent: Paedagogica Historica, 1995. p. 353-382.
- KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto, Editora PUC-RJ, 2006.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Lisboa: Edições 70, 2000. v. I e II.
- LOPES, José de Sousa Miguel. **Formação de professores primários e identidade nacional em Moçambique**. 1995. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1995.
- MARRONI, Maria Luísa de Castro. **Os outros e a construção da escola colonial portuguesa no Boletim Geral das Colónias, 1925-1951**. 2008. Tese (Doutorado). Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2008.
- MIGNOLO, W. **Histórias locais/Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.
- MONTEIRO, João José Silva. **Age et Disparités Sociales dans l'Éducation: Etude des effets de la réglementation de l'âge d'accès à l'enseignement secondaire long en Guiné-Bissau**. U.F.R. des Sciences Humaines. Mémoire de Maîtrise en Sciences de l'Éducation, 1987.
- NÓVOA, António; SCHRIEWER, Jürgen (eds.). **A Difusão Mundial da Escola**. Lisboa: Educa, 2000.
- PAULO, João Carlos Paulo. **A Honra da Bandeira. A educação colonial no sistema de ensino português (1926-1946)**. 1992. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 1992.
- PAULO, João Carlos Paulo. Da “educação colonial portuguesa” ao ensino no ultramar. In: BETHENCOURT, Francisco; CHAUDHURI, Kirti (dir.). **História da expansão portuguesa**. Lisboa: Círculo de Leitores, 1999. v. 5. p. 304-333.
- POPKEWITZ, T. **Educational Knowledge: Changing relationships between the state, civil society, and the educational community**. New York: SUNY Press, 1992. p. 305-343.

- PRATT, M. L. **Imperial eyes: Travel writing and transculturation**. London: Routledge, 1992.
- RODRIGUES, Casimiro Jorge Simões. **As vicissitudes do sistema escolar em Moçambique na 2ª metade do século XIX, hesitações, equilíbrios e precariedades**. Tese (Doutoramento). Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2007.
- ROSE, Nikolas. **Powers of Freedom: Reframing political thought**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- ROUSSO, Henry (1996). O arquivo ou o indício de uma falta. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 17, p. 85-91.
- SAID, Edward. **Orientalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- WERNER, M.; ZIMMERMANN, B. Penser l'histoire croisée: entre empirie et réflexivité, **Annales. Histoire, Sciences Sociales**, 1, 58 année, p. 7-36, 2003.
- VEYNE, Paul. In: LE GOFF, Jacques (org.). **A nova história**. Lisboa: Edições 70, 1978.